

humanitas

Vol. V-VI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. II E III DA NOVA SÉRIE
(VOLS. V E VI DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLIII-IV

tianismo; ao *descobrimento esotérico do paganismo* (Schafesbury); ao *neo-humanismo esotérico* e, finalmente, às atitudes de Lessing, Goethe, Fichte e Nitzsche perante a Grécia, todas elas repousando no postulado de ser o único fim da existência sobre a terra a humanidade na sua máxima perfeição possível. Mas, embora transformada na eterna natureza, em qualquer destes autores, a razão encontra-se sempre vagamente contaminada pela eterna sabedoria.

Conclui Toffanin com breves notas sobre a possibilidade de um humanismo na época actual. A crença nos valores humanos *feitos para o homem* e portanto à transcendência da razão (humanismo) seguiu-se a fé nos valores humanos *criados pelo homem* e portanto a imanência do sentido comum (humanitarismo). O «humanismo moderno», o «humanismo da máquina», hoje tão apregoados, não passam de formas de humanitarismo. A fé *no* homem durante os primeiros quinze séculos do Cristianismo era ajudada e como banhada pela sabedoria, grande e bem visível ponte entre a razão do homem e a razão-Cristo. Hoje, destruída a sabedoria, Deus está longe e a fé no homem diminuída, se não de todo ausente.

É difícil fazer a esta obra uma apreciação de conjunto com suficiente nitidez. Uma erudição imensa e variada dificulta por vezes a compreensão de um texto já em si de penosa leitura. Neste trabalho que pretende ser de síntese — o próprio título «*Historia del Humanismo desde el siglo XII hasta nuestros dias*» o dá a entender — alonga-se Toffanin umas vezes em justificar afirmações, em precisar pormenores, outras em suscitar novos problemas, de tal modo que dificulta a compreensão global do capítulo ou parágrafo. A árvore esconde por vezes — bastas vezes — a floresta.

Livro de afirmações por vezes arrojadas, obriga a meditar os estudiosos pois se abandona o sentido estrito em que o humanismo é considerado mesmo nos especialistas mais conhecidos, para o inserir na tradição espiritual mais viva do Ocidente.

A edição da Editorial Nova de Buenos Aires é digna de particular referência. Formato, caracteres tipográficos, papel, gravuras fora do texto, tudo concorre para que a obra seja o que Toffanin pretendeu: um monumento consagrado à perenidade da atitude humanista.

ALEXANDRE FRADIQUE G. O. MORUJÃO

Augustus, Felicitas, Fortuna *lateinische Wortstudien* — por Harry

Erkell. Volume de 193 pp. Götteborg, 1952.

Este livro de Harry Erkell, tese de doutoramento apresentada à Universidade de Götteborg, diz bem do interesse dos povos nórdicos pelos estudos clássicos. O pró-

prio autor declara ter o seu trabalho derivado de dois anteriores, «*Sulla Felix*» e, «Cäsar und sein Glück».

A minúcia da investigação e as subtis distinções semânticas assinaladas para cada uma das palavras são reveladoras de profundo e verdadeiro conhecimento dos autores latinos e gregos.

A *augustus* são dedicadas trinta páginas.

Começa por estudar o seu emprego em Tito Lívio, após ter formulado o seguinte problema: existe qualquer relação entre a palavra *augustus* e a designação atribuída ao Imperador?

Seguem-se os exemplos colhidos no referido autor, vindo, depois, um capítulo sobre o emprego da palavra em autores antigos e contemporâneos do Imperador, analisando também se o historiador em questão quis realmente esclarecer o vocábulo *augustus* ou apenas jogar com *augustus* e *Augustus*.

Numa segunda parte, intitulada «Augustus, Optimus Augur», põe igualmente, de início, o problema e trata longamente das possibilidades de relação entre *augustus* e *augurium*, pelo que vem a lume, como era de esperar, o autor dos «Anais».

Termina por um excurso sobre *Augustus* e *auctoritas* e conclui afirmando que, se por um lado não há prova de que os contemporâneos tenham encontrado qualquer relação entre *augustus* e *augur*, por outro é também mera consonância o que liga *auctor* a *augustus*.

A parte consagrada a *felicitas* vai de páginas 43 a 128.

Afirma de entrada que a palavra ainda não era objecto de uma monografia, conquanto na última década tenha suscitado discussões.

Finda a primeira parte deste estudo com a afirmação de que o problema é manifestamente o mesmo quanto ao germânico *Heils* e ao românico *felicitas*, relativamente ao significado atribuído ao vocábulo: força mágica ou bênção dos deuses.

Ocupa-se seguidamente das antigas definições e, dada a impossibilidade — afirma — de apresentar todo o material acerca do problema das origens, por uma questão de método oferece uma série de capítulos que seguem tanto quanto possível uma ordem cronológica.

E, assim, vem o estudo do emprego das palavras *felix*, *felicitas*, *felicitate* em Tito Lívio. Refere-se também aos templos da deusa *Felicitas* de cujo culto s5 em três casos podem nomear-se os fundadores, todos imperadores.

Ocupa cinquenta e uma páginas o estudo de *fortuna*.

Posto o problema, entra num capítulo que prova, como de início afirmámos, a sua familiaridade com os autores helénicos: o emprego de *τύχη* nos historiadores Heródoto, Tucídides, Demétrio de Falero e Políbio.

Imediatamente após, vêm os autores latinos: Salústio (*Catilina, Jugurtha. Historiae e Epistulae ad Caesarem*), César e Tito Livio, mostrando se há ou não identificação, em qualquer deles, entre *fortuna e τύχη*.

Encerra o trabalho, o capítulo *Fortuna e Omen*, rico, como todos os outros, em citações e interpretações de passos de autores diversos.

O valor da obra é indiscutível e confirmá-lo-ão, parece-nos, quantos às Letras Clássicas verdadeiramente se devotarem e os que da Filologia, em geral, se ocuparem.

VIRGÍNIA DE CARVALHO NUNES

Pio II (*Enea Silvio Piccolomini*) — Lettera a Maometto II (Epistola ad Mahumetem) a cura di Giuseppe Toffanin — R. Pironti e Figli editori — Napoli, 1953. [Collezione Umanistica diretta da G. Toffanin-VIII]—LVIII—194 pp.

Tomada Constantinopla pelos Turcos, o Papa Pio II, que era o grande humanista Eneas Silvio Piccolomini, concebeu o estranho e ousado projecto de converter o terrível chefe dos Turcos vencedores, Maomé II. Depois de convertido, este obteria o senhorio do Ocidente: o Papa coroá-lo-ia imperador. As populações cristãs, de boa vontade se submeteriam a um senhor cristão, e conseguir-se-ia assim a desejada unificação da Europa, num reinado que se antevia auspicioso.

Era realmente temerária esta empresa, tentada por um pontífice simultaneamente realista e visionário, bom teólogo e homem de fé, que a cultura humanística vivificava e a que fornecia uma lição de harmonia e de moderação. Se o Turco o ouvisse, para bem diversos destinos se teria orientado a Humanidade: a Europa conheceria um surto de novo esplendor e a sua unidade seria um facto seguro, benéfico para a estabilidade e sobrevivência dos tesouros da sua civilização milenária.

Para este fim Pio II dirigiu ao triunfador, que derrotara o Império bizantino, uma extensa carta, dividida em dezanove capítulos.

Com os protestos da sua amizade pessoal, enuncia-lhe as vantagens práticas da conversão. Maomé aspira à conquista do Ocidente: este é forte e só poderá ser unificado pela fé — fé cristã, não maometana.

Afinal a conversão dos povos é fruto da conversão dos reis. O próprio Constantino não pode ser uma excepção, tocado pela noção da glória de Deus, que Cícero entrevira no *Somnium Scipionis*.